

« CIDADE VELHA » DE MONTE-CÓRDOVA

Estas ruínas, a que alude O Archeologo Português (I, 12-13), são as mesmas de que fala Argote (*Memorias*, II, 465-67), servindo-se das informações de uma testemunha ocular, que viu mais do que eu podia ver, quando há quinze anos as visitei. Não acho por isso nada melhor do que reproduzir a descrição do Contador, fazendo-lhe algumas observações que julgo necessárias, e acrescentando algumas poucas noticias, que recolhi de outras fontes.

« 766. Nos limites das freguesias de S. Perofins, e de S. João de Eirós, meya legoa dos rios Ave, e Vizella, para a parte do Meyo dia, está hum monte bastantemente levantado, a que aquelles povos chamáo de S. Romáo, por causa de huma Capella deste glorioso Santo, que alli esteve, de que se vem ainda ruínas. Corre este monte de Norte a Sul, e se levanta em forma, que se descobre delle muito Paiz. No mais alto faz uma planicie, que declina para a parte do Norte, aonde esteve situada uma antiquissima Cidade, a que chamam actualmente Cidade velha. Era cercada de hum bom muro, que terá meyo quarto de legoa em roda, e tinha de largo sete palmos, e existe ainda hoje em altura de hum covado; dentro se divisão as ruínas das casas, que erão pequenas, e se divisão outrosim as ruas, que erão estreitas, e ladrilhadas. Ao meyo da mesma Povoação se levantava em mais altura hum cabeço de monte, que está cercado de outro segundo muro da mesma grossura, que o primeiro, e neste cabeço se divisão algumas casas mayores, e alguns Castellos de esquadria em forma orbicular. »

Aqui só há a notar os «Castelos de forma orbicular». São sem dúvida casas redondas, como as de Sabroso, Citânia, etc.; também como na Citânia estão elas a par de casas quadradas, conforme pude verificar sem custo numa pequena exploração, feita por Manuel Marinho, da Casa de Roriz, em que ficou bem a descoberto uma rua com as respectivas construções. Ladrilho da rua, forma e aparelho das casas, é tudo exactamente o mesmo que nas estações nomeadas.

767. Por fora do limite da Cidade se vem algumas trincheiras, assim para a parte do Norte, como do Sul, em distancia de dous tiros de pedra. Em

um valle alli perto se descobrio huma grande cova, que estava tapada com uma grande pedra redonda, a qual tem no alto um orificio quadrado, e na parte inferior tinha outro, guarnecido com hum cordão. A cova é fechada de abobeda, e feita de boa esquadria, e continua para dentro sem se lhe descobrir fim. Na mesma parte se ve hum grande lagedo, e no meyo d'elle um grande buraco redondo, por onde cabe huma bola de jogo, e desce com tanta profundidade, que nem pela estimativa se lhe percebe o fundo. »

Pela indicação do « grande lagedo com um grande buraco redondor, de profundidade insondável, vejo que o « vale », onde se encontravam estas curiosidades, estava muito próximo das muralhas. O grande lagedo com o seu buraco ainda existe, mas não por vontade dos ciprianistas. E ali que êles farçjaram os melhores tesouros aferrolhados pelos Mouros, e, como os exorcismos têm sido pouco eficazes para os desencantar, já recorreram a pólvora, sem grandes resultados por enquanto. O penedo é rijo. Não por baixo mas por cima dêle esteve uma verdadeira preciosidade, se é certo, como me asseveram, ter assentado ali a estátua, de que fala outro informador de Argote « a estatua de pedra de huma mulher com huma roca na cinta, que ha pouco tempo se quebrou, por se entender ser figura d'algum Idolo, como na realidade devia ser ». A estátua andou depois aos tombos pelo monte, até que um proprietário das imediações a levou para casa. Fiquei um pouco surpreendido, quando, mandando-lha pedir por um amigo seu, soube que, para a descobrir, era necessário desmoronar uma parede. Tinha sido atirada para os alicerces de um sucalso. Consegui que o sucalso fôsse dermoronado num ponto, onde um pedreiro, colaborador da obra, indicava o esconderijo do ídolo. Nada porém appareceu, nem aí, nem noutra demolição mais extensa efectuada pelo proprietário, desejoso de servir o seu amigo. E assim vai tudo.

Da « cova fechada abobadada e tapada pela grande pedra redonda » ninguém me soube dar notícias. E de crer que exista; mas, para a procurar, era preciso gastar paciência e dinheiro — duas cousas que é raro ver juntas ao serviço da arqueologia.

Continua Argote :

« 768. Para a parte do Nascente das ruínas da Povoação sobredita, a tres para quatro tiros de espingarda de distancia, está um penedo redondo, e nelle para a parte do Nascente gravada esta inscrição:

COS . NE Æ

P. S.

Para a parte do Poente tem outra inscrição, que principia:

FIDV.....HIC

As mais letras não se tirarão pela brevidade com que se examinou. r

As gravuras que O Archeologo dá das duas inscrições são tiradas de uma

fotografia e por isso devem merecer inteira confiança. Não compreendo a inscrição que volta para nascente. A segunda linha é mesmo ilegível por falta de letras. Na do poente a única dificuldade está, me parece, na leitura do primeiro nome Niminid, ou Nimid? Mas qualquer que seja a forma da palavra, não pode duvidar-se, creio eu, que ela é a mesma que, por exemplo, o *nemed = sacellum* da glosa irlandesa; e, sendo assim, ficamos sabendo que umas divindades, chamadas Fiduenas tinham aqui o seu santuário. Esperemos que os

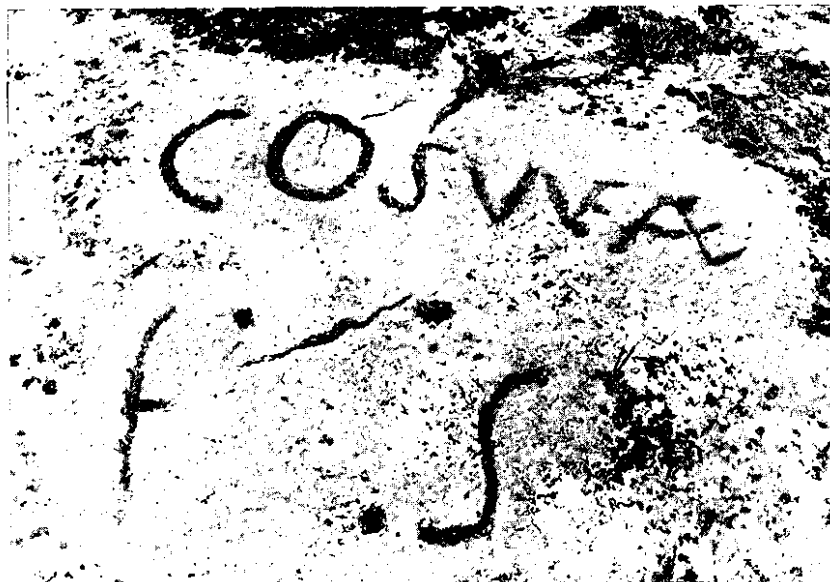


Fig. 1

lingüistas nos dêem alguma luz sobre as funções destas entidades, porque de outro modo é de crer que fiquemos sempre às escuras. Procurei debalde pelas imediações vestígios de qualquer construção, sem me admirar muito de os não encontrar, talvez pela preocupação de que o templo das misteriosas deidades devia ser um verdadeiro sacrum *sylvarum*. Hoje não se vê por ali senão tojo e alguns pinheiros. O terreno, uma bouça, a bouça do Lagido, é um pouco pantanoso, não sei se em consequência das infiltrações da mesma veia de água, que rebenta, a uns duzentos metros de distância, na bouça da Chousa. O borbotão de água é notável pelo nome e nada mais: chama-se Fonte dos Mouros. No penedo das inscrições estão insculpidas duas cruzes. Não me parece que sejam marcas divisórias; também não tenho razão alguma para afirmar que fôssem ali gravadas para purificar o monumento de qualquer mácula pagá.

*

Arnaldo Gama fala de «não poucos poços, faceados de rijísimos tijolos a. Ninguém me deu noticia deles, o que não quer dizer que ainda não existam. Se eram sepulturas forradas de telha, como suponho, é de crer que não ficassem

dentro da povoação **pròpriamente** dita, e a **êste propósito** devo dizer que me causou alguma estranheza **não** encontrar nela fragmento algum de telha com **rebôrdo**. Não quiere isto dizer que outro a **não** encontre, mas **já** a sua raridade é digna de nota numa estação em que a influência romana foi indiscutível.

Além do achado de moedas romanas, que estiveram em poder do falecido médico Coelho, de S. Fins, dá-se por certo o de um capacete de ferro, de que foi **possuidor** um cavalheiro portuense, também **já** falecido. As moedas **não**

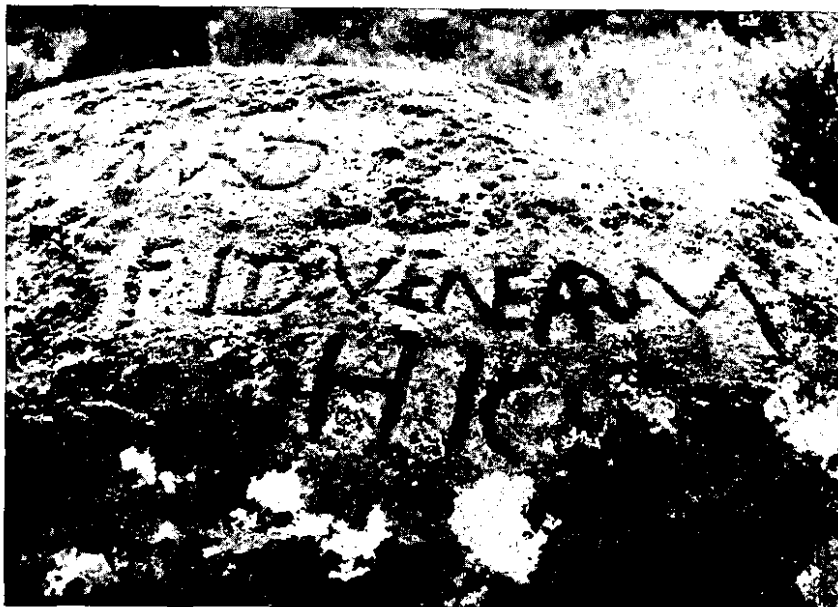


Fig. 2

sei onde param actualmente; o capacete deve considerar-se perdido; eu, pelo menos, perdi todo o trabalho de o descortinar. É possível que tivesse aparecido em alguns dos «**poços**» mencionados por Arnaldo Gama.

Encravado na muralha de **circunvalação** há um penedo, chamado pelo povo **Penedo da Lua**. Afirmaram-me que a denominação **lhe** vem de um sinal gravado, que é a figura da meia-lua. O sinal está extremamente safado; poucas semelhanças tem com a meia-lua, e para mim é mesmo duvidoso se foi traçado pela **mão** do homem. Desconfio em suma que a verdadeira **história** do nome está tão safada como o sinal.

Já fora das muralhas e em diferentes direcções há outros penedos que têm sua celebridade. Tais são os **Penedos rajados**, o **Penedo do sino** e o **Picôto do pai**. Num dos **Penedos rajados** assenta um lascão de perto de quatro metros em qualquer dos seus diâmetros e a que facilmente se imprime um movimento de balouço. No mesmo caso está o **Penedo do sino**, que não fica a larga distância dêle. Penedo e lasca são aqui de menores dimensões, mas o rapazio prefere-o, porque o primeiro oscila silenciosamente e **êste** dá um som qualquer, quando a extremidade da lasca toca no penedo em que se equilibra. Daqui o

nome do grupo — *Penedo do sino*. A nenhuma destas pedras oscilantes se ligam tradições mouriscas, e com outras de muito maior imponência que tenho visto acontece o mesmo, o que não deixa de ter sua importância. O *Picôto do pai* fica para poente e a maior distância das ruínas. Nada tem de singular, a não ser a lenda que se **lhe** associa, **não** sei se com boas bulas. A lenda em si é popular em muitas partes. Reza ela que nos tempos antigos, quando os velhos ultrapassavam uma certa idade, os filhos punham-nos num carro e levavam-nos



Fig. 3 (Detalhe da fig. 2)

a um monte deserto, deixando-lhes uma manta e uma broa de pão. O *Picôto do pai* seria o sitio escolhido pela gente desta região para o **abandono** dos miserandos **macróbios**. Sabe-se como acabou a péssima costumeira. Uma vez um dos velhos aconselhou o filho a que **lhe** deixasse só metade 'da manta e levasse a outra metade, para quando chegasse o seu turno. Preguntou-lhe o moço, muito admirado, se também havia de vir morrer no monte: « Pois então? até aqui trouxe eu meu pai; tu trouxeste-me a mim, e teu filho hbde-te trazer a ti. » O filho apressou-se a repor o velho no carro; voltou com **ele** para casa, e o seu exemplo começou a ser geralmente seguido.

Guimarães, Março de 1895.

(N-*O Archeologo Português*, Lisboa, 1895 — vol. 1, n.º 6, pág. 145).